

**Bibliotecas acessíveis na construção de uma sociedade mais justa**

Furtado<sup>1</sup>, Margareth Maciel Figueiredo Dias  
[margarethfurtado27@hotmail.com](mailto:margarethfurtado27@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo pretende analisar a temática sobre biblioteca acessível, fazendo paralelo entre o papel do profissional bibliotecário diante das demandas de produtos e serviços acessíveis e sobre o perfil dos usuários com deficiência. Objetiva criar reflexões e compartilhar saberes sobre a vivência do profissional bibliotecário no Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central Zila Mamede. Apresenta dados da prática bibliotecária em busca da democratização do conhecimento.

**Palavras-chave:** Biblioteca acessível. Inclusão em bibliotecas. Bibliotecas e pessoas com deficiência.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade da informação mudou a maneira como os produtos e serviços das bibliotecas são organizados e disponibilizados aos usuários. As transformações decorrentes das tecnologias de informação proporcionaram o surgimento de novos formatos, suportes e formas de acesso à informação. Nesse sentido, os avanços tecnológicos possibilitaram as bibliotecas conduzirem inovações aos serviços prestados à comunidade.

A *International Federation of Library Associations and Institutions* – IFLA (2009)<sup>2</sup> - Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias é uma instituição que elabora recomendações para o desenvolvimento e utilização das bibliotecas em âmbito global. O relatório n. 86, que faz referência ao atendimento

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Processos Institucionais da UFRN. Bibliotecária no setor Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) – UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1792002834428389>.

<sup>2</sup> <http://www.ifla.org/>

para pessoas impossibilitadas de utilizar material impresso<sup>3</sup>, sinaliza o dever e a preocupação com o acesso democrático da informação, especificamente para bibliotecas destinadas a pessoas com cegueira no Brasil.

Sabe-se que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística por meio do Censo Demográfico de 2010 mostra a existência de 45 milhões de pessoas com deficiência no Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Nesse sentido, devem-se considerar as pessoas com deficiência<sup>4</sup>, enquanto usuário real ou potencial nas bibliotecas, uma vez que as estatísticas mostram a presença desses indivíduos em todos os setores e contextos sociais.

Considerando-se a informação como um importante elemento para o desenvolvimento das sociedades, e como um instrumento fundamental de inserção social e conquista da cidadania, torna-se necessária a concretização de esforços que devem ser despendidos para que os usuários com deficiência tenham atendidas as suas necessidades de informação, assim como as demais pessoas.

Neste relato, abordaremos o tema bibliotecas acessíveis sob a perspectiva do fazer biblioteconômico e postura dos bibliotecários; ações inclusivas na Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) e o perfil dos usuários com deficiência que utilizam os serviços do setor Laboratório de Acessibilidade.

## **2 BIBLIOTECA ACESSÍVEL**

A temática “biblioteca acessível” começou a ser amplamente debatida nas Instituições de Ensino Superior (IES) e nos espaços bibliotecários, com o advento do Seminário Nacional de Bibliotecas Braille (SENABRAILLE), um evento nacional que iniciou suas atividades há quase vinte anos, firmando-se como espaço de discussão,

---

<sup>3</sup> Pessoas incapazes de utilizar material impresso serão aquelas incapazes de utilizar material impresso devido à cegueira, baixa visão, uma deficiência de aprendizagem ou uma deficiência física (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2009).

<sup>4</sup> Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

formulação, reunião e troca de experiências entre os profissionais que trabalham em bibliotecas. Desde 2005, o SENABRILLE vem ocorrendo em parceria com a Federação Brasileira de Biblioteconomia (FEBAB), onde sua ocorrência se estabelece a cada dois anos, com programas e projetos executados pelas bibliotecas para a inclusão de pessoas com deficiência, e, sobretudo para atender o público com deficiência visual<sup>5</sup>.

Nessa perspectiva, podemos conceituar a biblioteca acessível como sendo aquela que oferece o acesso a serviços e produtos para todos de forma igualitária. A biblioteca acessível, segundo Gonzalez (2002), disponibiliza a informação em qualquer suporte e provê acesso a todas as pessoas que dela necessitam, ou seja, segue os princípios do desenho universal.

Nesse sentido, Pupo, Melo e Ferrés (2008, p. 36) consideram uma biblioteca acessível como:

Um espaço que permite a presença e proveito de todos, e está preparada para acolher a maior variedade de público possível para as suas atividades, com instalações adequadas às diferentes necessidades e em conformidade com as diferenças físicas, antropométricas e sensoriais da população. Assim, junto com a acessibilidade digital, tecnologias assistivas e uma correta organização e sensibilização dos funcionários, a acessibilidade física – urbana arquitetônica e de produtos – representa um dos pilares centrais no planejamento de uma biblioteca acessível, e o conceito de Design Universal é determinante para a concepção deste espaço.

Assim, refletindo sobre esses conceitos, podemos supor que a maioria das bibliotecas ainda está diante de uma utopia. Já que os acervos existentes são, em sua maioria, impressos e por isso não acessíveis às pessoas com deficiência ou limitação severa quanto à leitura desse material. Quanto à disponibilidade de itens em formatos digitais também não garante o acesso e sua utilização. Uma vez que nem tudo que é digital é acessível. Para que os materiais sejam realmente

---

<sup>5</sup> A deficiência visual é definida como a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. O nível de acuidade visual pode variar o que determina dois grupos de deficiência: Cegueira - há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar, o que leva a pessoa a necessitar do Sistema Braille como meio de leitura e escrita. E a baixa visão ou visão subnormal - caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção. As pessoas com baixa visão podem ler textos impressos ampliados ou com uso de recursos óticos especiais (FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS, 2015).

acessíveis às pessoas com deficiência, em particular as pessoas que não podem ler em material impresso, faz-se necessária a digitalização, correção e conversão para o formato usável por essas pessoas.

A perspectiva da construção de uma biblioteca acessível conforme o desenho universal<sup>6</sup>, e com disponibilidade de materiais adaptados em diferentes formatos acessíveis mostram um cenário completamente contrário do estabelecido. A exemplo disso são os livros que ainda não estão prontos, devido a necessidade de serem digitalizados, adaptados e salvos em formatos que atendam ao perfil e necessidade do usuário com Necessidade Educacional Especial (NEE)<sup>7</sup>. Portanto, a postura inovadora do profissional bibliotecário é de fundamental importância no processo de reestruturação do espaço biblioteca em respeito à dignidade da pessoa humana e a democratização do conhecimento.

### 3 O BIBLIOTECÁRIO DIANTE DE DEMANDAS INCLUSIVAS

Um dia a porta da sala do bibliotecário se abre, e diante dele está uma pessoa com deficiência, especificamente um usuário com deficiência visual, que lhe pergunta: “onde está o catálogo em que eu possa pesquisar as obras para leitura?”. Tal situação pode levar imediatamente o bibliotecário a uma tempestade de ideias, repleta de indagações: como será que ele vai ler? E onde está o acervo. E chega a seguinte conclusão: o acervo não tem, não tem acervo. E agora bibliotecário? Nas melhores hipóteses existe um acervo minúsculo e desatualizado em braille.

É sabido que pessoas com deficiência visual não têm acesso regular ao livro. O livro convencional não atende às suas necessidades, e os formatos acessíveis não são oferecidos nas livrarias convencionais, bem como em grande parcela das bibliotecas privadas ou públicas (SILVA, 2011, p.18).

<sup>6</sup> Desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva (BRASIL, 2015).

<sup>7</sup> A expressão Necessidades Educacionais Especiais, cuja sigla é NEE, surgiu da intenção de atenuar ou neutralizar a aceção negativa da terminologia adotada para distinguir os indivíduos em suas singularidades por apresentarem limitações físicas, motoras, sensoriais, cognitivas, linguísticas ou ainda síndromes variadas, altas habilidades, condutas desviantes etc. (BRASIL, 1996).

Qual será a resposta para o usuário, sabendo que o bibliotecário considera a biblioteca como o templo do conhecimento, que ninguém pode sair dele sem encontrar o que procura? O que diríamos a esse usuário: que iremos pesquisar ou que passe noutro dia e horário. A resposta infelizmente representa uma grande lacuna, bem distante dos ideais de democratização do conhecimento, bem como frustração para as expectativas do usuário.

Diante dessa realidade, assim como, de outras demandas dos usuários com deficiência, a solução é enxergarmos e acolhermos esses usuários da biblioteca, e não excluí-los.

Com relação aos usuários, Guinchat e Menou (1994) ressaltam que a unidade de informação deve fazer o possível para conhecer bem as necessidades reais dos usuários. Num estudo que determine a evolução e o seu grau de satisfação, e também a adaptação segundo essas demandas. Os estudos das necessidades e comportamentos implicam em um contato pessoal tão estreito quanto possível com o usuário. Pois, suas críticas, conselhos e sugestões devem ser solicitados e ouvidos.

Uma nova indagação determinará tudo: como iremos fazer? Não sabemos. Então, vamos ter que aprender tudo. Que ótimo, e que sorte temos pela existência do estudo do usuário, que permite achar a solução com o próprio usuário. Portanto, a partir das solicitações desse usuário, que iremos planejar espaços, o desenvolvimento de coleções, atendimento, produtos e serviços, dentre outros.

A maior barreira em uma biblioteca acessível é sem sombra de dúvidas, a barreira atitudinal. Pois o bibliotecário no atendimento desse usuário tem que se colocar no lugar desse usuário, não enxergando a deficiência, mas a sua necessidade informacional. E antes de tudo, questionar-se sobre o perfil desse usuário? Que tipo de formato utiliza? Como atendê-lo? E porque não dizer, um planejamento para desenvolvimento ou adequações de produtos e serviços.

A transformação de uma biblioteca tradicional em um modelo acessível é um processo lento que será construído paulatinamente. Pois demanda qualificação e

conscientização de profissionais na temática acessibilidade e inclusão; deve-se considerar a formação de equipe gerencial, técnica e apoio e montagem de laboratórios ou salas de multifuncionais; observa-se também que a formação das equipes deve ser multidisciplinar. Portanto, um grupo com pessoas que dominem tecnologias e saberes sobre acessibilidade e inclusão, para lidar com soluções rápidas referentes a demandas específicas.

Qual a instituição que investe em espaço físico, recurso humano e financeiro para atendimento de um público minoritário? A concretização dessa realidade ocorre a partir de políticas públicas e recursos com fins específicos. Um processo nem sempre tão rápido, no que ressaltamos a presença de um intermediador no diálogo e parcerias com outros setores das bibliotecas e instituições externas.

#### **4 SETOR LABORATÓRIO DE ACESSIBILIDADE DA BCZM**

O modelo do Laboratório de Acessibilidade da BCZM segue o modelo de outras IES. Nesse sentido, Malheiros (2011) apresenta em seu estudo instituições que desenvolvem há algum tempo propostas acessíveis: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de Brasília (UNB), Pontifícia Universidade de Curitiba (PUC-CURITIBA), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade de Uberaba, Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Na UFRN, o Laboratório de Acessibilidade é um setor da BCZM destinado à produção e adaptação de materiais em suporte diferente do convencional: fonte ampliada, impresso e digital, áudio, Braille, de forma a atender as demandas de usuários com NEE na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contudo, podemos citar dois diferenciais: primeiro, a parceria com a Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (CAENE) e o respaldo da política institucional de inclusão. E segundo diferencial, ter na equipe

técnica e de apoio pessoas na condição dos usuários atendidos, o que nos permite aprimorar metodologias na execução de tarefas e melhorias dos serviços.

A pessoa com deficiência tem direito a receber atendimento prioritário, sobretudo com a finalidade de: [...] atendimento em todas as instituições e serviços de atendimento ao público; disponibilização de recursos, tanto humanos quanto tecnológicos, que garantam atendimento em igualdade de condições com as demais pessoas [...] (BRASIL, 2015, art.9).

O laboratório é responsável pela produção e adaptação de textos acessíveis, destinados para suporte informacional, com vistas ao desenvolvimento acadêmico dos alunos com limitações e/ou dificuldades na leitura impressa ou do texto impresso. Possui acervo de textos adaptados e/ou digitalizados, sendo basicamente composto por: livros, capítulos de livros e artigos de revistas, que são disponibilizados, gratuitamente aos estudantes atendidos pela CAENE nos formatos: digital, áudio e/ou impresso em fonte ampliada. Atende às demandas de diversos cursos de graduação e pós-graduação, acompanhando os discentes com deficiência visual, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH)<sup>8</sup> e dislexia<sup>9</sup>. Dispõe de uma estrutura tecnológica assistiva apropriada à digitalização de textos e à produção de materiais em formatos acessíveis. (LABORATÓRIO DE ACESSIBILIDADE, 2015).

Os principais serviços oferecidos pelo Laboratório de Acessibilidade da UFRN são: a produção de materiais em formatos acessíveis<sup>10</sup>: digital acessível, fonte ampliada impressa, Braille, áudio. Para que seja possível a conversão do formato, ocorre uma etapa anterior: a digitalização de textos é realizada conforme a Lei 9.610/98 de Direitos Autorais<sup>11</sup>, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. No Artigo 46 diz: que não constitui

---

<sup>8</sup> Transtorno neurobiológico, de causas genéticas, ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

<sup>9</sup> Distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula.

<sup>10</sup> Consideram-se formatos acessíveis os arquivos digitais que possam ser reconhecidos e acessados por softwares leitores de telas ou outras tecnologias assistivas que vierem a substituí-los, permitindo leitura com voz sintetizada, ampliação de caracteres, diferentes contrastes e impressão em braille.

<sup>11</sup> A Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



ofensa aos direitos autorais: l - a reprodução: d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários. Nessa etapa os textos passam por scanner com *Optical Character Recognition* (OCR, reconhecimento ótico de caracteres) e são transformados em formato DOC (Microsoft Word). Ou seja, em formato acessível para posterior leitura por um software de síntese de voz<sup>12</sup>.

Na biblioteca tradicional ocorre o empréstimo de livros, mas no setor Laboratório de Acessibilidade são emprestadas tecnologias assistivas, bem como o treinamento para utilizá-las. Por exemplo: uma bengala requer treinamento de manuseio, em caso do usuário inexperiente. A utilização dos leitores de tela, também requer treinamento de como usar as funções do teclado para navegar no documento.

A orientação à pesquisa bibliográfica e normalização de trabalhos acadêmicos é realizada semelhante ao setor de referência, contudo com profissional capacitado no atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais. Onde é observado o tempo de diálogo, agendamento conforme o tempo dos usuários e outros.

Orientação e mobilidade na UFRN é um serviço onde o usuário é recepcionado, para ser orientado na utilização de equipamentos e softwares, bem como se locomover na biblioteca e demais setores e espaços da UFRN, de acordo como suas demandas acadêmicas.

A visita programada realizada pelo laboratório da BCZM contempla a recepção e explanação sobre o setor, tecnologias, produtos e serviços aos

---

<sup>12</sup> O leitor de tela é um software (JAWS, ORCA, NVDA, VIRTUAL VISION e VOICEOVER) utilizado principalmente por pessoas com cegueira, que fornece informações através de síntese de voz sobre os elementos exibidos na tela do computador. Esses softwares interagem com o sistema operacional, capturando as informações apresentadas na forma de texto e transformando-as em resposta falada através de um sintetizador de voz. Para navegar utilizando um leitor de tela, o usuário faz uso de comandos pelo teclado. O leitor de tela também pode transformar o conteúdo em informação tátil, exibida dinamicamente em braille por um hardware chamado de linha ou display braille, servindo, em especial, a usuários com surdocegueira. Pessoas com baixa visão e pessoas com dislexia também podem fazer uso dos leitores de tela.

docentes, disciplinas, turmas de alunos, setores e IES. Cabe ressaltar que as visitas de outras instituições são fundamentais para troca de experiência técnica e de atendimento a usuários com deficiência.

A transcrição, edição, revisão e impressão em Braille é uma atividade do Laboratório de Acessibilidade executado por profissionais cegos habilitados para tal serviço.

O grupo *Whatsapp Messenger*, um aplicativo de mensagens que permite trocar mensagens pelo celular via SMS, é um serviço também utilizado pelo laboratório como um canal de comunicação em mídia eletrônica criado para facilitar o diálogo com os usuários atendidos pelo laboratório, para recebimento das demandas informacionais, dúvidas e reclamações.

O Repositório de Informação Acessível (RIA)<sup>13</sup> é um produto da UFRN que disponibiliza acervo de textos digitalizados, adaptados pelo Laboratório de Acessibilidade da BCZM. Seu objetivo é armazenar, preservar, disponibilizar conteúdos em formato acessível. Destina-se ao estudante com deficiência visual dos cursos de Graduação e Pós-Graduação para pesquisa e acesso ao material de estudo necessário à sua formação acadêmica. Encontra-se disponível no endereço eletrônico: <http://ria.ufrn.br/>. O repositório funciona em conformidade com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, art. 46, inciso I, alínea d, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais; de acordo com o Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, que determina a garantia da acessibilidade e utilização de serviços e atendimentos e a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, artigos, 68 e 74.

A BCZM apresenta outros recursos de inclusão: plataformas elevatórias, piso tátil (setor de referência e sinalização de escadas), banheiros adaptados, servidores habilitados no atendimento prioritário, acervo braille e terminais de consultas com *softwares* de acessibilidade.

Quanto à utilização dos serviços da biblioteca, por parte dos usuários com deficiência, seguem os mesmos critérios aplicados aos demais usuários. Por meio

---

<sup>13</sup> <http://ria.ufrn.br/>

da CAENE é oferecido um serviço de sensibilização e apoio pedagógico do qual se estabelece um canal de diálogo com os coordenadores de cursos e docentes sobre os serviços da biblioteca, sobretudo, o do Laboratório de Acessibilidade que disponibiliza os conteúdos informacionais acessíveis de acordo com a demanda do usuário e necessidades de formato.

## **5 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO**

Na construção da biblioteca acessível, notadamente faz-se necessária a qualificação de seu quadro técnico desde a sua equipe de bibliotecários aos bolsistas de produção e adaptação de textos. No mínimo, o grupo do setor deve ter conhecimento das tecnologias empregadas no serviço de digitalização, adaptação, bem como a utilização dos *softwares* de leitura.

Quanto aos bibliotecários, a tarefa é desafiadora porque temos que sair de uma rotina de trabalho com o livro impresso e passar a dominar o material digital. Não aquele produzido e acabado, mas para o material que será desenvolvido e adaptado.

Outro ponto a ser considerado é o diálogo que temos que estabelecer com o usuário, pois não se tem apenas uma demanda esporádica e sim um acompanhamento informacional que pode durar por meses ou anos. Também trabalhamos com o tempo, que não é aquele que se tem, e sim o tempo em que o usuário irá utilizar o material para estudo ou atividade em sala de aula. Compreende-se ainda que, muitas vezes nesse atendimento dependemos da integração com outros setores, pois, a biblioteca inclusiva não pode ser um setor isolado, mas com a participação de todos que fazem a biblioteca.

## 6 APRESENTAÇÃO DE USUÁRIO COM NEE NA BCZM

Aproximadamente, 176 usuários com NEE utilizam, em tese, os serviços da BCZM. Para o entendimento deste relato, dividimos os usuários com NEE em dois grupos: o primeiro grupo refere-se às pessoas que possuem cadastro para atendimento pela CAENE. Estes podem ser considerados usuários reais ou potenciais da biblioteca. Esclarecemos que não queremos evidenciar a condição da pessoa, e sim mostrar sua existência e a possibilidade de futuras demandas das quais a BCZM terá que atender. Esse grupo apresenta deficiências físicas, surdez, transtornos e síndromes, entre outros.

Já o segundo grupo são alunos atendidos (Figura 1) pelo Laboratório de Acessibilidade da BCZM, solicitantes de textos adaptados em diversos formatos, bem como de outros serviços.

Figura 1- Demonstrativo de usuários no Laboratório de Acessibilidade por ano.



Fonte: Estatísticas internas do Laboratório de Acessibilidade, 2015.

Apresentamos um mapeamento de atendimento a partir de 2011 até 2015, que é composto por 33 alunos encaminhados pela CAENE. Dentre eles: nove com cegueira que recebe o material em DOC e áudio; 18 com baixa visão que solicitam materiais com fonte ampliada digital ou impressa e áudio; três com TDAH que utilizam áudio e três com dislexia que também utilizam o formato em áudio.

Percebe-se a predominância no ano de 2011 de alunos com cegueira em relação aos alunos com baixa visão e dislexia. Em 2012, ocorre um aumento de alunos com baixa visão e o início do atendimento as solicitações dos usuários com TDAH. No ano de 2013, todas as deficiências se aproximam do número de atendimento por aluno. A partir do ano de 2014, os alunos com cegueira e baixa visão voltam a ter crescimento considerado. E por fim, no ano de 2015, predominam as solicitações dos usuários com baixa visão.

A leitura dos gráficos mostra uma evolução do número de usuários atendidos no Laboratório de Acessibilidade nos últimos anos. Evidencia-se com esse crescimento, a necessidade de um planejamento que contemple a ampliação do espaço físico e recursos humanos. De forma que ocorram melhorias contínuas aos serviços prestados aos usuários.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As bibliotecas que pretendem desenvolver ações para uma plena democratização no acesso à informação precisam entender que as práticas inclusivas fazem parte de um processo complexo. Onde o direito à informação somente poderá ser concretizado se houver as condições igualitárias de acesso e estruturas que favoreçam a eliminação de barreiras arquitetônicas, comunicacional e atitudinal, deixando explicitado o respeito às diferenças.

Diante dos desafios queremos registrar que foram dados passos importantes na construção de uma BCZM acessível. Mas, que não sejam esquecidas as

iniciativas anteriores à formação do setor Laboratório de Acessibilidade. Pois, foi observando e querendo compreender pequenos exemplos inclusivos que chegamos à realidade de hoje.

Os avanços a serem conquistados no futuro dependerão da participação de todos que fazem parte desta biblioteca. Pois, sabemos o quanto é difícil lidar com o desconhecimento e barreiras que a cada minuto surgem no dia a dia do nosso Trabalho. Assim, o que nos move, antes de tudo, é o compromisso do fazer bibliotecário para melhoria da BCZM, tomando como referencial o objetivo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, enquanto instituição educadora, voltada para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

### **Accessible libraries in building a more just society**

**Abstract:** This article analyzes the issue on accessible library, making parallel between the role of the librarian in the face of demands for products and services accessible and on the profile of users with disabilities. Aims to create ideas and share knowledge about the experience of librarians in the Accessibility Laboratory of the Central Library Zila Mamede. It presents the practice librarian data in search of the democratization of knowledge.

**Keywords:** Accessible Library. Inclusion in libraries. Libraries and persons with disabilities.

### **REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). **O que é o TDAH?** Disponível: <<http://www.tdah.org/br/sobre-tdah/o-que-e-otdah.html>>. Acesso em: 25 set. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia?** Possíveis sinais. Disponível em: <<http://dislexia.org.br/v1/index.php/health-living-c/50-haretra-faucibus-eu-laoreet-9>>. Acesso: em 25 set. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Norma NBR 9050.**

Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)>. Acesso em 05 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20152018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em 05 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em 29 ago. 2015

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 out. 2014.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. **Deficiência visual**. 2015. Disponível em:<<http://www.fundacaodorina.org.br/>>. Acesso em 10 set. 2015.

GONZALEZ, C. J. **Biblioteca acessível**: serviço de informação para usuários com deficiência. 2002. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.saci.org.br/modulo=akemimetro=4716>>. Acesso em: 22 set. 2005.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

IFLA – INTERNACIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS & INSTITUTIONS (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS). **Bibliotecas para cegos na era da informação**: diretrizes de desenvolvimento. 2009. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/libraries-for-print-disabilities/publications/86-pt.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em:

<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religio\\_Deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2015.

LABORATÓRIO DE ACESSIBILIDADE DA BCZM. **Serviços**. Disponível em:<Disponível em:<<http://www.fundacaodorina.org.br/>>. Acesso em 10 set. 2015.

MALHEIROS, T. M. C. A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na Universidade de Brasília. In: SENABRAILLE BIBLIOTECAS: ESPAÇOS ACESSÍVEIS A MÚLTIPLOS USUÁRIOS, 7., 2011. Campinas. **Anais...** Campinas, 2011. Disponível em:<<http://www.sbu.unicamp.br/senabrilie/?p=427>>. Acesso em: 10 out. 2011.

SILVA, J. M. **A deficiência visual e a proteção a acessibilidade a informação no ordenamento jurídico brasileiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

PUPO, D. T.; MELO, A. M.; FERRÉS, S.P. **Acessibilidade**: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas. Campinas, SP: UNICAMP/Biblioteca Central Cesar Lattes, 2008.